

## Valéria, o samba, a poesia e as pedras

Sebastião Vicente  
Subeditor do Correio Brasiliense

“Leve só as pedras.” A sugestão contida no título do novo disco de Valéria Oliveira é também uma imagem sob medida para traduzir seu percurso musical. Entre Natal e o Japão, seja na releitura da bossa nova ou no estudo do acervo natalense-nordestino, Valéria vem se desfazendo de excessos a cada disco lançado. Excesso talvez seja uma palavra negativa demais para explicar o que houve, mas o fato é que, se os discos feitos para o mercado japonês eram mais contidos pela própria natureza da bossa nova revisitada, aqueles editados em Natal cometiam o pecado da dispersão na ansiedade por reverenciar os diversos ritmos regionais.

Agora, com a entrada em cena da Valéria compositora – uma feliz descoberta – e de um grupo de poetas musicais que gravitam em torno dela (Simona Talma, Ângela Castro, Khystal, Iracema Macedo, Romildo Soares e Luiz Gadelha) houve uma guinada. E, como diz o título, a audição do novo CD, produzido pela cantora e por Kazuo Yoshida, mostra imediatamente, já a partir do embalo sincopado da primeira faixa, “Pensando em ti”, que Valéria soube largar os excessos pelo caminho. Ela abriu mão do regional – e sabe-se lá o quanto isso deve ter custado, dada a qualidade que seu canto imprimia ao repertório regional – e descartou também a neobossa de bar – outra bagagem importante na caminhada, que abriu portas para a cantora potiguar na noite e das gravadoras japonesas.

Neste novo vôo, Valéria jogou pra fora do balão esses e outros elementos que ainda turvavam sua música – não pela carência, mas pelo excesso, é bom que se lembre. E o resultado é um novo som que flutua nos ares de Natal a Tóquio com o peso impossível de uma pedra muito bem lapidada. Foram essas as pedras que ela conservou: o verbo mais afiado em canções como “Tábua de salvação”, belo exemplo de seu talento para a composição (Você flutua hoje e amanhã despenca / aí então dá conta da minha ausência); a sonoridade mais límpida e exata, a partir de bases que funcionam como tendas de sustentação para os giros vocais da intérprete e para os estudos instrumentais dos músicos que a acompanham.

Enquanto o canto trapezista de Valéria relê clássicos mpb/populares, reinventado a prosódia falada de coisas como “A tua presença” (Caetano Veloso) ou reinterpretando, entre o drama e a comédia, o choro e o riso, a fossa de “Quando” (Roberto Carlos), percorrem o disco os tais comentários. Sejam os conselhos rasgados de metais em surdinas (em “Dores pequenas”, um dos vários candidatos a hit instantâneo), ou as queixas lanhadas de cordas em ranhuras (como as que freqüentam o final de “Volta”, um sambão atrevido cujo arranjo cita o Bolero de Ravel). Ou mesmo os comentários literais, de restos de conversas e resíduos de risos nervosos vertidos em matéria musical, como na faixa final, “Ladrão”. O fundamental, a Valéria cantora, para além da nova compositora, está cada vez mais onipresente – não se pense que ela relaxou da interpretação ao investir na composição. Muito pelo contrário: o novo CD explicita a capacidade da cantora em reinventar a divisão de frases, reformular sílabas, comprimir ou espichar os andamentos da canção.

Nesse exercício, Valéria se desfez de valiosos objetos musicais que aprendeu a manejar e dominar ao longo de sua carreira, mas não o fez apenas para uma troca gratuita de plumagem sonora. Ao dispensar por hora o balanço de um xote ou a ondulação de uma bossa, apresenta ao seu ouvinte, como nunca havia feito, duas vertentes que aguardavam oportunidade nos desvãos de suas inspirações musicais. Uma é a gaveta das canções de amor despudoradas e expressivas, cujas letras remetem a um Melodia enlouquecido rezando pelo Estácio e outras dores de amores – vide “Dores pequenas”, “Nada sem você” ou “É só o calor do verão”. E a outra vertente não poderia ser mais antiga, motivo pelo qual ninguém pode julgar como oportunista a renovação valeriana. É ele, o samba, que jamais aparecera tão reverenciado nos trabalhos anteriores. Ouvinte caseira de

Clara Nunes e fã de rodas de samba do tipo uma sombra, uma mesa, um violão e muita cerveja, Valéria enfim incorpora esses elementos à sua música, com se pode constatar em faixas como a já citada “Volta” ou “A nova-pelo tempo que você quiser”.

O saldo é um CD permeado de poesia e de samba – mas de uma poética cujas palavras não se envergonham diante do poder de melodias e harmonias; e de sambas sem medo de atravessar padrões rítmicos na busca por conexões com o pop contemporâneo. E eis a palavra mágica: é pop, no sentido de mais urbana, mais veloz, mais telegráfica – ou menos apegada, menos romântica, menos rendilhada – a nova música que Valéria Oliveira vem praticando, procurando e descobrindo, como se pode ouvir em “Leve só as pedras”.